

**EDITAR MACHADO DE ASSIS NA CONTEMPORANEIDADE:  
COMENTÁRIOS ACERCA DA EDIÇÃO DE “A NOVA GERAÇÃO”**

*Gracinéa I. Oliveira*<sup>1</sup>

*Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte – FACISABH*

**Resumo:** Este artigo apresenta algumas considerações a respeito da edição do ensaio “A nova geração”, de Machado de Assis, publicada neste número desta revista. Constatou-se que, embora esse texto machadiano tenha muitas edições, as que foram utilizadas para cotejo apresentam muitas variantes em relação à primeira edição (1879). Essas variantes modificaram substancialmente os trechos em que ocorrem no texto-base.

**Palavras-chave:** “A nova geração”, Crítica textual, Edição de textos, Machado de Assis.

O convite para fazer uma edição fidedigna do ensaio crítico “A nova geração”, de Machado de Assis, suscitou-me algumas dúvidas e questões. A principal delas relacionava-se à pertinência (ou não) de se editar um texto de um dos maiores escritores brasileiros, cuja obra tem inúmeras edições, sendo algumas delas feitas por pesquisadores. A outra dúvida foi motivada pela minha inquietude quanto à relevância ou não de fazer essa edição, sendo que a primeira está disponível para acesso *on-line* na hemeroteca da Biblioteca Nacional. Apesar dessas questões, aceitei o convite para tentar, no decorrer do trabalho, encontrar respostas a essas pequenas hesitações que afloraram. Além disso, a finalidade que me foi apresentada – editar para uma revista destinada à publicação de novas edições de textos machadianos – motivou-me a aceitar esse trabalho filológico. Junta-se a isso a relevância desse ensaio machadiano para a crítica literária brasileira.

Trata-se de um importante texto, em que Machado de Assis avalia poetas em início de carreira na segunda metade do século XIX, classificados na, assim denominada

---

<sup>1</sup> Professora e coordenadora do curso de Letras da FACISABH.

por ele, nova geração. O que une esse grupo composto por 13 poetas – Afonso Celso, Alberto de Oliveira, Artur Azevedo, Carvalho Júnior, Ezequiel Freire, Fontoura Xavier, Francisco de Castro, Lúcio de Mendonça, Mariano de Oliveira, Múcio Teixeira, Sílvio Romero, Teófilo Dias e Valentim Magalhães – é a tentativa de afastamento do Romantismo e a filiação aos novos ideais estéticos, em sintonia com o Positivismo e o Realismo/Naturalismo:

Há entre nós uma nova geração poética, geração viçosa e galharda, cheia de fervor e convicção. Mas haverá também uma poesia nova, uma tentativa, ao menos? Fora absurdo negá-lo; há uma tentativa de poesia nova, – uma expressão incompleta, difusa, transitiva, alguma coisa que, se ainda não é o futuro, não é já o passado. Nem tudo é ouro nessa produção recente; e o mesmo ouro nem sempre se revela de bom quilate; não há um fôlego igual e constante; mas o essencial é que um espírito novo parece animar a geração que alvorece, o essencial é que esta geração não se quer dar ao trabalho de prolongar o ocaso de um dia que verdadeiramente acabou.<sup>2</sup>

Machado avalia um momento de transição importante das letras nacionais, em que os novos caminhos da poesia ainda eram ditados por influência externa. A mudança desse paradigma ainda teria de aguardar a Semana de Arte Moderna de 1922. Por enquanto, trata-se de não “prolongar o ocaso de um dia que verdadeiramente acabou” – o Romantismo.

No decorrer do trabalho filológico, percebi que aceitá-lo foi uma decisão acertada, porque não apenas pude constatar a relevância de se editar Machado na contemporaneidade, mesmo com várias edições disponíveis, como também pude refletir acerca das implicações das novas tecnologias no trabalho ecdótico. E são essas reflexões que compartilho neste artigo.

A preocupação com a baixa qualidade editorial da obra machadiana não é recente. A primeira ação oficial para se tentar resolver o problema foi a criação da Comissão Machado de Assis, em 1958, no governo de Juscelino Kubistchek, com a finalidade de consolidar os textos machadianos (SILVA, 2018).

Na primeira fase do trabalho, a referida comissão pretendeu editar criticamente todos os livros publicados em vida por Machado e, apenas numa segunda fase, fazer a edição do material disperso. No entanto, nem mesmo a primeira fase do trabalho chegou

---

<sup>2</sup> “A nova geração” – edição publicada neste número da *Machadiana Eletrônica*. Doravante ASSISME.

a ser concluída, visto que não foram feitas, por exemplo, as edições críticas de *Papéis avulsos* e de *Páginas recolhidas*. Percebe-se, então, que ainda está por ser feita a edição crítica da obra completa de Machado de Assis – ou, na ausência de uma edição dessa natureza, uma edição fidedigna, com a qual os estudiosos possam trabalhar com tranquilidade –, sobretudo a dos textos publicados em periódicos, como é o caso de “A nova geração”.

Levando isso em consideração, foi feita a seleção de algumas edições desse ensaio para cotejamento, considerando-se como texto-base a primeira edição, de 1879, publicada na *Revista Brasileira*. Embora a localização e o acesso a essa edição pudessem dispensar o confronto com as demais edições, o cotejo é importante para se registrar a história dos textos. Além disso, os editores podem ter corrigido o texto-fonte (que, evidentemente, pode conter erros). Isso é relevante, porque, ao me deparar com alguns supostos erros, tive de corrigi-los (anotando-os, comentando-os e discutindo-os) – ou, conforme o caso, tive que mantê-los (e anotar o porquê disso em nota de rodapé).

Após a localização da primeira edição, a próxima escolhida foi a primeira feita em livro (H. Garnier), e as demais foram as representativas de grandes séries editoriais (W. M. Jackson e José Aguilar/Nova Aguilar), a anotada (Cultrix) e a anotada que voltou à fonte primária (Unesp), conforme a seguinte listagem:

- 1) *Crítica por Machado de Assis*, publicada em 1910 por H. Garnier e organizada por Mário de Alencar;
- 2) *Crítica literária*, publicada em 1937, pela editora W. M. Jackson;
- 3) *Obra completa Machado de Assis*, publicada em 1959 pela José Aguilar e organizada por Afrânio Coutinho;
- 4) *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, publicada em 1964 pela Cultrix, com revisão e anotação do texto por Massaud Moisés;
- 5) *Obra completa de Machado de Assis*, republicada em 1994 pela Nova Aguilar, que foi utilizada pelo MEC para divulgação dos textos através da internet;
- 6) *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, publicada em 2013 pela Unesp, edição preparada por Maria Sílvia Azevedo, Adriana Dusilek e Daniela Mantarro Callipo, com retorno às fontes primárias;

7) *Machado de Assis*: obra completa em quatro volumes, publicada em 2015 pela Nova Aguilar, última edição dessa série.

Essas edições foram as escolhidas para cotejo, porque, por sua posição na história editorial dos textos machadianos, certamente contaram com um olhar atento aos textos.

Depois da escolha e da localização dessas obras, foram definidos os critérios da edição. Segui as diretrizes da revista *Machadiana Eletrônica*. Entretanto, houve casos que não estavam contemplados nelas, o que ensejou uma discussão com os editores do periódico, para definição do critério, como a questão da grafia dos nomes próprios estrangeiros, que decidimos atualizar, assim como dos nomes próprios brasileiros e portugueses, que também atualizamos.

Nossa edição necessariamente traria notas. Entretanto, procuramos não repetir as edições acima mencionadas, especialmente as duas a que me referi como “anotadas”: a que foi cuidada por Massaud Moisés (ed. Cultrix, 1964) e a que ficou a cargo de Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek e Daniela Mantarro Callipo (ed. Unesp, 2013). Nossas notas visaram, principalmente, a dois objetivos: registrar as variantes textuais e identificar as fontes dos pensamentos de Machado de Assis. As edições anteriores a esta registram, preferencialmente, dados relacionados aos autores citados pelo crítico; a de Massaud Moisés registra, também, algumas (poucas) variantes textuais.

Em seguida foi feito o cotejo entre as lições textuais, tendo como base, conforme já afirmado, a primeira edição. Esse retorno à fonte primária foi necessário, visto que uma das hipóteses para explicar erros que muitas edições apresentam é a do não retorno à fonte. No cotejo, vi, na prática, a necessidade de uma nova edição desse ensaio, devido aos problemas editoriais que identifiquei. Esses problemas variaram de alteração da paragrafação à supressão de parágrafos do texto, como mostrei no aparato crítico.

Houve um aspecto editorial que não foi possível registrar no aparato, porque o tornaria muito extenso, inviabilizando ou poluindo excessivamente a edição: as alterações na pontuação. Considerando que isto interfere diretamente na construção do sentido do texto, optei por mantê-la tal como está no texto-base, exceto quando ocorreu algum erro óbvio, fato que foi anotado em rodapé, como no excerto a seguir: “Outro, o Sr. Teixeira Bastos, nos *Rumores Vulcanicos*, diz que os seus versos cantam um deus

sagrado, – a Humanidade, – e o ‘coruscante vulto da Justiça’ Mas essa aspiração ao reinado da justiça, (que é afinal uma simples transcrição de Proudhon) [...]” (ASSIS, 1879, p. 376-377). Como se vê, deveria haver um ponto após a palavra “Justiça”. Eu o acrescentei e informei em nota.

Além disso, ao contrário do que se costuma dizer (HOUAISS, 1967), a pontuação de Machado de Assis não está tão próxima assim do sistema atual. Há casos, por exemplo, em que ele não isola as orações intercaladas de caráter explicativo, como no seguinte excerto: “A Lira dos verdes anos, que foi o [livro] de estreia revelou desde logo as qualidades do Sr. Teófilo Dias [...]” (ASSISME). Falta, evidentemente, nesse período, uma vírgula após a palavra “estreia”: “A Lira dos verdes anos, que foi o de estreia, revelou desde logo as qualidades do Sr. Teófilo Dias [...]”.

Há, também, casos em que não se separam por vírgulas, na prosa machadiana, certas conjunções como “porém, contudo, pois”, etc.: “Aí *porém* flutuam as opiniões, afirmam-se as divergências, domina a contradição e o vago [...]” (ASSISME, grifo nosso), ou “[...] sente-se *porém* que aí o poeta é intencionalmente assim [...]” (ASSISME, grifo nosso). Além disso, muitas vezes, a pontuação do autor é mais adequada do que a de seus editores, que suspostamente o corrigiram ou melhoraram, conforme se verifica nos parágrafos seguintes.

Em muitos casos, ainda, a pontuação dos editores torna o autor mais expressivo – contrariando a conhecida descrição, oposta a toda ênfase e a toda entonação afetada, que caracteriza a sobriedade do estilo de Machado de Assis. Veja-se o seguinte exemplo:

Ao filhinho, que diante de um mostrador de joalheiro, lhe pede um camafeu, responde a mãe com um beijo, e acrescenta que esta joia é melhor do que a outra; o filho entende-a, e diz-lhe que, se está assim tão rica de joias, lhe dê um colar. É gracioso; mas não é a criança que fala, é o poeta. (ASSISME).

No último período sintático, desde a edição de 1910, feita por Mário de Alencar, todos os editores escreveram assim:

Ao filhinho, que diante de um mostrador de joalheiro, lhe pede um camafeu, responde a mãe com um beijo, e acrescenta que esta joia é melhor do que a outra; o filho entende-a, e diz-lhe que, se está assim

tão rica de *joias* lhe dê um colar. *É gracioso!* mas não é a criança que fala, é o poeta. (ASSIS, 1910, p. 130, grifos nossos).

O ponto de exclamação – tão antimachadiano! – está no lugar de ponto e vírgula, que Machado de Assis usava tão bem! Além disso, no período anterior ao último, Mário de Alencar suprimiu a vírgula depois de “joias”, o que, embora seja comum na prosa machadiana, não ocorre nesta passagem, e prejudica a lógica do período. Esse mesmo período, o editor da W. M. Jackson de 1937 o pontuou assim:

Ao filhinho, que diante de um mostrador de joalheiro, lhe pede um camafeu, responde a mãe com um beijo, e acrescenta que esta joia é melhor do que a outra; o filho entende-a, e diz-lhe *que se está assim tão rica de joias* lhe dê um colar. *É gracioso!* mas não é a criança que fala, é o poeta (ASSIS, 1937, p. 210, grifos nossos)

Vale para o editor de 1937 o mesmo comentário feito à pontuação de Mário de Alencar. Diga-se, porém, a bem da W. M. Jackson, que a edição de 1938 reintroduziu as duas vírgulas que não existiam na edição de 1937 (donde se conclui que foi reconhecido o “erro” na edição anterior).

O curioso, em tudo isso, é que a ninguém ocorreu pôr uma vírgula depois do “que”, antes de “diante”. O período ficaria assim (pontuado à maneira atual):

Ao filhinho, *que, diante* de um mostrador de joalheiro, lhe pede um camafeu, responde a mãe com um beijo, e acrescenta que esta joia é melhor do que a outra; o filho entende-a, e diz-lhe *que, se está assim tão rica de joias*, lhe dê um colar. *É gracioso;* mas não é a criança que fala, é o poeta. (ASSISME, grifos nossos).

Além da pontuação, há outras interferências feitas pelos editores no texto que mudaram substancialmente o sentido de alguns trechos. Para ilustrar, cito o excerto em que o adjetivo “rúbido” é substituído por “subido”, na edição de 1910, preparada por Mário de Alencar:

A justiça, cujo advento *nos* é anunciado em versos *rubidos* de entusiasmo, a justiça quasi não chega a ser um complemento, mas um suplemento; e assim como a theoria da selecção natural dá a victoria aos mais aptos, assim outra lei, a que se poderá chamar selecção social, entregará a palma aos mais puros (ASSIS, 1879, p. 374-375).

A justiça, cujo advento *não* é anunciado em versos *subidos* de entusiasmo, a justiça quasi não chega a ser um complemento, mas um suplemento; e assim como a teoria da seleção natural dá a vitória aos mais aptos, assim outra lei, a que se poderá chamar seleção social, entregará a palma aos mais puros (ASSIS, 1910, p. 102).

Essa alteração é seguida por todos os outros editores, exceto pelas editoras da Unesp, que voltaram à fonte primária. Elas mantiveram “rúbidos”.

Na edição de 1879, está sem acento – *rubidos* –, assim como quase todas palavras proparoxítonas. Mário de Alencar julgou tratar-se de erro tipográfico e corrigiu para “subidos”, considerando o sentido como “pomposo, elevado” (FERREIRA, 2009). Ou seja, em versos “elevados de entusiasmo”.

Entretanto, considero que “rúbidos” cabe perfeitamente nesse contexto. Ao consultar o *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*, verifiquei que “rúbido” está classificado como adjetivo poético e o lexicógrafo remete o consulente a “rubro”. Ao verificar o verbete “rubro”, constatei que seu sentido figurado é o de “exagerado, apaixonado nas opiniões e preferências” (FERREIRA, 2009). Recuando um pouco mais, por se tratar de um texto do final do século XIX, consultei o *Dicionário da língua portuguesa*, de Moraes e Silva, de 1813. Nele, consta a seguinte definição: “Vermelho arrouxeado, ardente [...]” (SILVA, 1813, v. II, p. 647). Sendo assim, o sentido cabe perfeitamente no trecho acima, em que Machado afirma que a chegada da justiça é anunciada, pelos poetas da geração nova, em versos “ardentes de entusiasmo”.

Ademais, considerando que “[...] o conceito de erro óbvio (fundamentalmente tipográfico, na tradição impressa, e de *lapsus calami*, na tradição manuscrita) só será acolhido quando outro não couber, incontroversamente, [...]” (HOUAISS, 1967, v. 1, p. 293, item 6.4.2.4.2), mantive “rúbidos”, por não considerá-lo erro óbvio, já que seu sentido é pertinente no contexto em que aparece – apesar de a palavra “subido” ser comum no vocabulário da crítica literária daquela época.

Outra interferência de editores, que se percebe no trecho em que ocorre a palavra “rúbidos”, é a troca de “nos” por “não” na edição organizada por Mário de Alencar (ASSIS, 1910, p. 102, grifo nosso): “A justiça, cujo advento *não* é anunciado em versos *subidos* de entusiasmo [...]”. Esse erro ocorre também na edição da W. M. Jackson de 1937: “A justiça, cujo advento *não* é anunciado em versos *subidos* de entusiasmo [...]” (ASSIS, 1937, p. 182, grifo nosso), o que indica que esta última se baseou na edição de Alencar. Essa troca, além de negar o entusiasmo dos poetas da nova geração pela ideia de justiça, ainda deixa a frase incoerente, comprometendo seu sentido.

Outro exemplo de alteração que mudou o sentido do texto é o seguinte: “A comparação entre os dois livros é vantajosa para o poeta [Lúcio de Mendonça]; certas incertezas do primeiro, certos tons mais vulgares que ali se notam, *não* se notam no segundo” (ASSISME, grifos nossos). Mário de Alencar saltou o “não”, deixando o trecho com o sentido comprometido. Já os editores de 1959, 1964, 1994 e 2015 corrigiram a passagem, mas alterando o texto: “A comparação entre os dois livros é vantajosa para o poeta [Lúcio de Mendonça]; certas incertezas do primeiro, certos tons mais vulgares que ali se notam, *desapareceram* no segundo” (ASSIS, 1959, p. 843, grifo nosso). Como se vê, faltou a esses editores o retorno à fonte primária. Apesar de manter, com essa alteração, o sentido aproximado da primeira edição, percebe-se que “não se notar” é diferente de “desaparecer”: Machado não afirmou que haviam desaparecido os tons vulgares, mas que o leitor não os notava. E quando o editor mudou para “desaparecer”, o que dependia da percepção do leitor, passou a fazer parte do texto de Lúcio Mendonça, dos poemas.

A aparentemente discreta alteração dessa passagem compromete um aspecto importante da maneira pela qual Machado de Assis costuma expressar seu pensamento. Astrojildo Pereira (1991, p. 135), no ensaio “Pensamento dialético e materialista”, observou que, embora Machado de Assis não seja “um filósofo profissional, um pensador propriamente dito, mas um escritor, um artista”, “seu processo de pensar e de exprimir-se é um processo dialético.” E mais:

A obra de Machado de Assis, livro por livro, página por página, ficção e crônica, prosa e verso, se desenvolve toda ela segundo uma linha quebrada ou sinuosa de movimentação dialética. Tudo nela é contraste, contradição, conflito, formas as mais diversas de dialogação social, reflexos do próprio jogo da vida em sociedade – essa vida que um dos seus personagens definiu como sendo “uma combinação de astros e poços, enlevos e precipícios.” (PEREIRA, 1991, p. 140)

Quando os editores mudaram o texto machadiano de “não se notam no segundo” para “desapareceram no segundo”, o que fizeram foi matar a dialética – empobreceram o texto, fizeram ter um só sentido o que era a habitação de um número indefinido de sentidos (que dependiam da percepção dos leitores).

Pelo exposto e pelo que se pode verificar no aparato crítico, o fato de “A nova geração” ter muitas edições não significa, necessariamente, que essas sejam de boa



qualidade, do ponto de vista filológico. As que foram cotejadas para esta edição apresentam divergências consideráveis em relação à fonte primária. Há, conforme verificamos, algumas modificações feitas pelos editores que mudam significativamente o sentido do texto.

Esses dados indicam que o desenvolvimento e a popularização dos modernos meios de comunicação, sobretudo da internet, não diminuíram os problemas relativos à transmissão de textos. Esse mesmo desenvolvimento impactou diretamente a crítica textual, visto que permitiu, entre outras coisas, o acesso mais rápido às edições disponíveis, ainda que estejam em lugares distantes do editor. Além do mais, as novas tecnologias reduziram o custo da publicação de livros, ao transformar o meio digital em suporte. Isso possibilita a publicação e a disponibilização de edições fidedignas a um número cada vez maior de leitores.

### **EDITING MACHADO DE ASSIS IN CONTEMPORANEITY: COMMENTS ABOUT “A NOVA GERAÇÃO” EDITION**

**Abstract:** This article presents some considerations about the edition of the essay “A Nova Geração”, by Machado de Assis, published in this issue of this journal. It was found that, although this Machado text has many editions, those which were used for comparison have many variants in relation to the first edition (1879). These variants substantially modified the parts in which they occur in the base text.

**Keywords:** “A nova geração”, Textual Criticism, Text Edition, Machado de Assis.

### **Referências**

- ASSIS, Machado de. A nova geração. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, t. II, p. 373-413, dez. 1879.
- ASSIS, Machado de. A nova geração. In: \_\_\_\_\_. *Crítica literária*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1937. p. 179-247.
- ASSIS, Machado de. A nova geração. In: ALENCAR, Mário de (Org.). *Crítica por Machado de Assis*. Rio de Janeiro; Paris: Garnier, 1910. p. 99-166.
- ASSIS, Machado de. A nova geração. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1959. p. 823-849.
- ASSIS, Machado de. A nova geração. In: \_\_\_\_\_. *Crônicas, crítica, poesia, teatro*. Organização, introdução, revisão de texto e notas de Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 1964. p. 124-166.

ASSIS, Machado de. A nova geração. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra completa Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 809-836.

ASSIS, Machado de. A nova geração. In: AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Unesp, 2013.

ASSIS, Machado de. A nova geração. In: LEITE, Aluísio; CECÍLIO, Ana Lima; JAHN, Heloísa. *Machado de Assis: obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 3, p. 1230-1255.

FERREIRA, Sérgio Buarque de Hollanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 6.0.1* 4 ed. Curitiba: Positivo, 2009. [Eletrônico]

HOUAISS, A. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967. 2v.

PEREIRA, Astrojildo. Pensamento dialético e materialista. In: *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991. p. 123-151.

SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da lingua portugueza – recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/dicionario/edicao/2>>. Acesso em: 30 out. 2018.

SILVA, José Pereira da. *A Comissão Machado de Assis e a Crítica Textual no Brasil*. Disponível em: <<https://culturaahblog2018gmail.wordpress.com/>>. Acesso em: 25 out. 2018.